

COMPLIANCE

O COMBATE À CORRUPÇÃO  
NO CENÁRIO INTERNACIONAL

MOEDAS

O DILEMA DA DESVALOEIZAÇÃO DO KWANZA  
KWANZA, RECORDISTA MUNDIAL DA DEPRECIÇÃO?

TURISMO

NAMIBE E SEUS ENCANTOS  
O MISTÉRIO DA 4ª EDIÇÃO

EDIÇÃO Nº 4 - SETEMBRO DE 2020

# BUSINESS TRACE

REVISTA

ESCRITOR E INVESTIGADOR  
**EUGÉNIO ALMEIDA PhD**

INVESTIGADOR DO CEI-IUL  
CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS

## ANGOLA VS PORTUGAL RELAÇÕES COMERCIAIS

PERDAS E GANHOS NAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE ANGOLA E PORTUGAL  
E O FUTURO DO INTERCÂMBIO ENTRE OS DOIS PAÍSES LUSÓFONOS



WWW.BUSINESSTRACE.AO

**MAIS**

O LEGADO DE STEVE JOB  
APPLE LANÇA 2 NOVOS WATCH  
E APRESENTA A 8ª G DO IPAD



Direcção Provincial da Cultura, Turismo e Ambiente da Huila



# CONTEÚDOS



# 26

## O COMBATE À CORRUPÇÃO NO CENÁRIO INTERNACIONAL

POR ARNALDO DE ALMEIDA

### 04

#### MERCADO DE AÇÕES

Principais notícias sobre o mercado financeiro durante o final de semana

### 08 PRÊMIO AN-ZISHA

Principais prémios de empreendedorismo no continente Africano  
**Empreendedorismo**

### 12 ENTREVISTA

Relações Comerciais entre Angola e Portugal  
**Dr. Eugénio Almeida PhD**  
**Escritor e Investigador**



WWW.BUSINESSTRACE.AO

**FACEBOOK:** revista business trace  
**INSTAGRAM:** revista business trace  
**TWITTER:** @revista business trace  
**LINKEDIN:** revista business trace  
**Email:** revista.businesstrace@gmail.com

### 35 CRONOLOGIA DOS PRODUTOS DA APPLE

, e os Actuais Lançamentos



### 22 TURISMO NO NAMIBE

AS MARAVILHAS DO RISORT Praia do Soba

### 29 O DILEMA DA DESVALORIZAÇÃO DO KWANZA

Kwanza, Recordista Mundial em Depreciação?

**Por: Jânio Ambrósio**

### 33 LEGADO DE STEVE JOB

9 anos após a morte do seu fundador Apple Lança novas versões dos produtos Apple Watch e Ipad Air - **por Josemar Domingos**

### 09 ÉTICA NO TRABALHO

Ética no atendimento ao cliente - por Catiana Santos

### 24 FLASH TURISMO

Principais notícias sobre Turismo no continente africano.

#### BANCO NACIONAL DE ANGOLA

TAXAS DE JUROS (BNA) 15.5%

LUIBOR		TAXA DE INFLAÇÃO		CÂMBIOS DE REFERÊNCIA		TAXA DE JURO DOS BANCOS COMERCIAIS			
Maturidade	Taxa	Dados referentes ao mês de Agosto de 2020		Moeda	Taxas	Depósitos a prazo			
		Inflação Mensal	Taxa			Bancos	30 dias	90 dias	360 dias
Overnight	12,86%	Inflação Mensal	1,83%	USD	613,941	Banco Atlântico	3,50%	5,00%	7,00%
1 Mês	13,75%	Inflação Acumulada	15,97%	EUR	728,625	Banco BAI	4,50%	7,00%	11,00%
3 Meses	14,84%	Inflação Homóloga	23,41%	ZAR	37,507	Banco BFA	5,00%	8,00%	8,50%
6 Meses	16,26%					Banco BIC	7,75%	8,75%	-
9 Meses	17,38%					Banco BNI	10,90%	11,20%	11,50%
12 Meses	18,50%					Banco BIR	-	7,75%	12,50%

Fonte: BNA



**DIES**

**TAA**

**QUE**

**DA EDIÇÃO**

**Conversando com:  
Dr. Eugénio Da Costa Almeida PhD**



“  
*De uma maneira  
geral as relações  
bilaterais entre  
Angola e Portugal  
têm se pautado  
pelo respeito  
mú-tuo entre  
2 estados  
independentes.*”

EUGÉNIO DA COSTA ALMEIDA PhD

EUGÉNIO ALMEIDA PhD

# “Vários portugueses demandaram o “novo el Dourado” Angolano, e de Angola, como se sabe, muito dinheiro saiu para os cofres bancários e imobiliárias portuguesas.”

# A

relações comerciais entre Angola e Portugal datam desde Janeiro de 1979, de lá para cá já se passaram 41 anos, e tem sido uma relação motivada por altos e baixos, nesta edição vamos conversar com o Dr. Eugénio da Costa Almeida, especialista em Relações Internacionais, Escritor e Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais do (CEI-IUL) do ISCTE-IUL, Lisboa, editado no trecho a seguir.

**Vamos começar a nossa conversa com uma breve abordagem sobre a relação bilateral entre Angola e Portugal e**

**s como as parcerias comerciais e estratégicas se intensificaram.**

Antes de mais deixe-me recordar os seus leitores que não sou economista ou gestor, mas um indivíduo da área das Ciências Sociais, um analista político-social da área das Relações Internacionais e da Estratégia e Segurança política. Por isso, tenho a certeza que me convidaram para esta entrevista, terei uma visão mais humanista das relações entre Angola e Portugal que um economista ou gestor, para quem os números serão mais importantes que as relações que levam àqueles.

Dito isto, de uma maneira geral as relações bilaterais entre Angola e Portugal têm se pautado pelo respeito mútuo entre 2 Estados independentes. Ainda assim, e como se sabe, são 2 países da mesma área linguística, considerados irmãos, por vezes, e talvez por causa disso, têm amuos ou quase exaltações nas relações inter-governamentais – e, sublinho, entre áreas do Executivo, porque a nível pessoal, e como, por certo adiante analisaremos, raramente acontecem – se estendem por largos períodos e que o presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, chegou

considera-las de “irritante” por causa do processo judicial em Portugal denominado “Operação Fizz”, que envolveu o então Vice-presidente Manuel Vicente. Ultrapassado esse período de relações frias, ou seja, ultrapassado esse período “irritante” tudo voltou à normalidade. Creio, mesmo que as relações entre Portugal e Angola devem ser melhores que com a maioria dos outros países lusófonos. Há demasiados interesses mútuos que a isso o levam...

**O que Angola exporta para Portugal? e quais produtos importantes de Portugal?**

Segundo um artigo do Jornal de Angola as nossas exportações para Portugal terem registado um significativo aumento, em 2019 – um aumento de cerca de 15 a 16% - na realidade a nossa principal exportação física é o petróleo e outros combustíveis minerais, que representaram, entre 2018 e 2019, cerca de 97,9% das nossas exportações, mas também madeiras e algumas pedras ornamentais.

Todavia, desde meados de 2019, que vemos outras exportações de Angola para terras lusas a começarem a procurar ter

algun impacto nas nossas relações comerciais. Recordo as exportações – ainda que incipientes e que a pandemia, naturalmente, fez diminuir ou suspender – de produtos frutícolas nacionais (frescos), de cervejas e, mais recentemente, de café processado.

Relativamente às nossas importações de Portugal, que têm vindo a reduzir, o que tem melhorado a nossa balança comercial com Lisboa, elas incidem, em especial nas maquinarias, produtos alimentares – que deverão reduzir, no pós-Covid com a tardia medida proteccionista nacional de colocar a produção e consumo dos nossos produtos em primeiro lugar, evitando saída desnecessária de capitais necessários ao desenvolvimento nacional – produtos químicos

E, voltando às exportações angolanas para o exterior, em geral, e para Portugal, em particular. Quando refiro exportações físicas, estou a recordar-me das nossas exportações financeiras – é certo que elas caíram substancialmente com a lei de repatriamento de capitais irregularmente colocados no exterior – em que Portugal era um dos “principais fiéis depositários” de capitais angolanos que estavam, e alguns ainda estão, como, recentemente, um analista económico angolano, creio que Carlos Rosado Carvalho, afirmava que os principais locais onde os angolanos tinha capitais depositados eram em Singapura, Maurícias, Portugal (ainda), Ilha Mann (Uk), Cabo Verde e São Tomé e príncipe, entre outros; eu prefiro denominar aqueles depósitos de capitais e bens físicos de irregulares em vez de ilegais, porque muitos capitais, não saíram do País; na realidade fixaram irregularmente no exterior e, outros, saíram com “autorizações superiores”, logo, na minha opinião, a maioria não deveriam ser considerados ilegais.

**Qual é a importância de Portugal para Angola? O que Angola ganha com essa relação comercial?**

Na minha opinião, e pelo que já exprimi anteriormente não será tanto a importância de Portugal para Angola ou de Angola para Portugal que devermos aquilatar a importância das mútuas relações comerciais entre ambos, mas no contexto

---

**“Como sabe um expatriado que deseje constituir uma empresa em Angola ainda padece de muita burocracia e ainda há certos constrangimentos políticos, económicos e tecnológicos que condicionam essa facilidade de criação de empresas”**

---

global das relações entre os dois Países. Não esquecer, mesmo tendo em conta a pandemia do Covid-19, que temos uma grande comunidade lusíada em Angola – diria que foi uma das nossas grandes importações, porque com ela, recebemos parte de novos know-how, principalmente, tecnológico e na área do turismo e restauração – como existe uma significativa diáspora Angolana em Portugal em muitas áreas onde contribuimos para essas relações e para o desenvolvimento económico, tecnológico, investigador e cultural portugueses.

**Pode dizer por estimativa qual o fluxo comercial entre Angola e Portugal nos últimos 10 anos?**

Não tenho elementos suficientemente claros para dar uma resposta mais aproximada da realidade. Todavia, posso adiantar que Angola, em 2019, apresentava-se como o 9º maior cliente de Portugal, e fomos o 12º fornecedor deste País, ainda que com uma quota muito baixa, cerca de 1,3% das importações portuguesas.

**É possível quantificar as importações e exportações de Angola para Portugal e Vice-versa?**

Para isso teria de recorrer os respectivos Institutos de Estatísticas e, honestamente, não sei se teríamos valores significativamente claros. Não tenho dúvidas que, mesmo diminuindo como vimos a diminuir o nosso défice comercial com Portugal, ainda importamos muito mais que exportamos para Portugal.

**A balança comercial entre os dois países tem registado algum equilíbrio?**

Ultimamente a balança comercial entre os nossos 2 países tem vindo a aproximar-se ou reduzindo a diferença entre ambos. Sei que em 2019 a balança comercial entre ambos era favorável a Portugal em cerca de 163,1 mil milhões de euros (cerca de 193,2 mil milhões de dólares ou, em termos mais actuais, cerca de 193,2 bio dólares)

**De acordo com a camara de comércio e indústria Angola-Portugal as exportações de Portugal para Angola caíram 21,9% no 1º trimestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019. A pergunta é, o que tem motivado essa tendência nos últimos anos?**

Não me parece que este sejam processo dos últimos anos, mas uma reformulação nas relações comerciais entre os 2 Países, como naturalmente acontece ao longo dos anos, entre diferentes países, a nível Mundial. E, naturalmente que a forte redução no 1º trimestre, terá a resposta na pandemia do Covid-19 que fez diminuir não só as nossas exportações, como e principalmente as nossas importações, não só de Portugal, como de quase todos os Países, dado que a maioria das exportações – pelo menos de produtos de pequena volumetria – são feitas por via aérea e, como sabe, na grande maioria dos casos, as fronteiras aéreas estiveram fechadas. Por outro lado, muitas empresas, no caso de Portugal, onde resido, isso foi evidente, muitas empresas estiveram em lay-off – umas simplificadas, ou seja, ainda ten-



***Não devemos esquecer que há uma, cada vez maior, vontade do Governo Angolano em melhorar o acesso ao investimento externo para constituição e manutenção de empresas com capitais estrangeiros – o que não sei, reconheço esse desconhecimento, se vamos continuar a impor, a exigência de um accionista Angolano na estrutura das empresas criadas, ou não.”***

tavam produzir alguma coisa, outras na totalidade – e outras fecharam mesmo. Logo, naturalmente, isso reflectiu-se nas relações comerciais entre os dois Países.

#### **Entre os empresários portugueses e Angolano quem tem mais facilidade de criar negócio nos respectivos países?**

Segundo a maioria dos analistas é mais fácil um Angolano constituir uma empresa em Portugal que o contrário; até porque muitos Angolanos têm dupla nacionalidade o que ajuda ainda mais. Como sabe um expatriado que deseje constituir uma empresa em Angola ainda padece de muita burocracia e ainda há certos constrangimentos políticos, económicos e tecnológicos que condicionam essa facilidade de criação de empresas. Recordo de ter lido há umas semanas que nós estávamos entre os 20 piores países para investimento. Creio que isto deve responder, com clareza, à sua questão.

No entanto, não devemos esquecer que há uma, cada vez maior, vontade do Governo Angolano em melhorar o acesso ao investimento externo para constituição e manutenção de empresas com capitais estrangeiros – o que não sei, reconheço esse desconhecimento, se vamos continuar a impor, a exigência de um accionista Angolano na estrutura das empresas criadas, ou não – ainda que as empresas de rating no venham a colocar em patamares cada vez menos apetecíveis para esses investimentos.

#### **Onde há mais oportunidade de negócio?**

Claramente, e pelas razões atrás referidas, em Portugal. Mas em termos de futuro e de investimentos, de risco, é certo, mas de oportunidade de visão a longo prazo será em Angola.

#### **Quais as áreas de maior interesse de investimento nesses países?**

Em Portugal, não arrisco. Em Angola, claramente na indústria transformadora e, principalmente, se formos corajosos e inteligentes, na indústria do turismo. Temos excelentes condições para ombrearmos com os principais players africanos e mundiais no que tange ao turismo. Como também podemos ser um importante polo industrial em África, em geral, e na África Centro-austral, em particular. Vemos que a África do Sul, a maior potência industrial africana, vem perdendo alguma força e tanto a Nigéria como o Egipto, as 2 segundas maiores potências económicas africanas – na minha opinião – também parecem estar a perder alguma dessa força. E não pode ser dado como reacção ao Covid-19. Ou seja, esta não pode ser a desculpa para tudo.

#### **O turismo é pedra angular para o crescimento económico de qualquer nação, e na 2ª edição a RBT divulgou o ranking dos 20 países mais visitados do mundo, no qual Portugal faz parte. A questão é: temos mais turistas portugueses a visitar Angola ou mais turistas Angolanos a visitar Portugal?**

Não tenho elementos suficientes que me permita dar uma resposta correcta a esta questão. Se fizermos valer as imagens que algumas televisões apresentam e Portugal, parece que haverá um acentuado aumento de turistas portugueses a demandar Angola. Mas a pergunta que devolvo é se serão turistas ou portugueses – e angolanos – que regressam ao um local onde foram felizes e amaram? Mas aquilo que transmitem ajudam a aumentar o interesse daqueles que nunca lá foram e podem desejar ir. Só que precisamos de aumentar, substancialmente, as nossas infra-estruturas turísticas (hotelaria diversa – e não só de 4 ou mais estrelas –, restauração, mas, acima de tudo, boas estruturas rodoviárias; bons aeroportos e boas ferrovias, temos nós).

No que tange a vinda de Angolanos para

Portugal, a maioria não será tanto para visitar – turismo – mas para compras, estudos pós-superiores ou de especializações, e tratamentos. Ainda assim, muitos de nós, excepto dos que se encontra em tratamentos de saúde, procuram, sempre que possível, juntar um caso ao outro; ou seja, compras e estudos a turismo.

#### **Segundo tem circulado na Mídia, Angola quer impor restrições de importação a 54 produtos, quais são as implicações comerciais que pode causar na relação entre os dois países?**

Por vezes os Estados têm de tomar medidas proteccionistas, visando a protecção a defesa dos seus produtos, mesmo sabendo que podem colocar em causa certo tipo de relações comerciais internacionais. No caso de Angola, o Governo mais que proteger a nossa produção, visou, em primeiro lugar e essencialmente, proteger a saída de divisas. Compreendo e aceito – e concordo – com esta medida proteccionista do Governo. Mas é necessário que, mais que proteger os nossos produtos agrícolas há que ter condições para os escoar e fazê-los chegar às casas dos consumidores.

No que toca a Portugal, e segundo o que tenho lido por parte de alguns consumidores, alguns produtos essenciais, iam mais de outros países europeus e africanos que de Portugal. Creio que de Portugal a maioria serão produtos que ainda não estarão devidamente industrializados ou processados; excepto, talvez, no caso e enchidos; e das províncias da Huíla e de Cuanza-Sul (nomeadamente, da área de Waku-Kungo) temos bons enchidos e bons lacticínios para substituir, com qualidade, os que poderiam chegar de Portugal, França ou Suíça

**Sendo Angola, membro da OMC, pode explicar se diante desta situação Angola estaria a violar normas e regulamentos no âmbito do Acordo geral de Tarifas e Co-**

### **mércio (GATT)?**

Se Angola estiver a violar as normas da OMC, e na minha opinião não está, então outros países, maiores e poderosos, em termos económicos, há muito que estão a fazê-lo e, como se costuma a dizer, fazem gala disso. Volto a dizer, não me parece que estejamos a violar qualquer norma da OMC e do GATT como poderemos e deveremos acrescentar outros produtos. E, atenção, nós não estamos a fazer um protecçãoismo global e, ou, total. O que o Governo decidiu foi não apoiar as importações com divisas fornecidas pelo Estado e Tesouro Angolano. Quem quiser importar pode fazê-lo. Tem é de assumir todos os custos inerentes com a importação.

### **Pode nos dizer se existem medidas proteccionistas, como a adopção de quotas por exemplo para determinados produtos na relação comercial entre Angola e Portugal?**

Não sei se há quotas entre os 2 países ou com outros países. Como referi, anteriormente, decreto governativo não impede a livre importação dos produtos indicados na lista. Deixou foi de “financiar” essas compras dando cobertura às importações com divisas detidas pelo Tesouro Nacional. Até porque se tivéssemos quotas com Portugal, teríamos de ter com outros países da União Europeia e, aí sim, haveria algum constrangimento jurídico-económico e diplomático porque poderíamos estar a violar os acordos de Cotonou e o acordo de Parceria Regional entre a UE e a SADC.

### **Segundo as regras de governação de qualquer país os políticos ditam as regras de todos os sectores incluindo do comércio, pese embora fala-se na economia do mercado, acha que a política adoptada pelo Presidente João Lourenço tem facilitado a diminuição das trocas comerciais entre os dois países?**

Não creio. Tanto os respectivos Governos, como as Câmaras de Comércio são unânimes em declarar que tem havido um incremento nas relações comerciais ou económicas entre os 2 países. O caso actual,



do eventual protecçãoismo nacional não será um travão às habituais relações económicas entre os 2 Estados. A haver alguma retracção será mais a nível financeiro com a obrigação dos expatriados – e os portugueses ainda estarão, claramente no pódio dos que mais trabalham em Angola – passarem a receber em Kwanzas em vez de divisas estrangeiras. Uma medida que saúdo e há muitos anos vinha defendendo. Se eu for para o Brasil, para Argentina ou para a África do Sul trabalhar, o patronato local não me paga em Euros ou Kwanzas ou Dólares, mas em Real, Peso ou Rands. Logo...

Acresce que recentemente, em Luanda, o Ministro de Economia e Planeamento, Pedro Luís da Fonseca, afirmou que os resultados dos investimentos entre os 2 Países são “franca-

***Um país não pode estar unicamente dependente de um ou um grupo de países. Tal como deve diversificar as suas fontes de riqueza, também deve diversificar as suas relações comerciais.***

mente animadores”, o que contraria uma eventual diminuição de trocas comerciais entre Angola e Portugal.

**Os dois países têm relações histó-**

Ainda que possa parecer inverosímil, Portugal, dada as boas relações que mantém com a República Popular da China, seja a nível Governativo, seja, e principalmente, a nível financeiro, aliado à defesa que a China faz das relações Lusófonas, poderá dar uma ajuda a Angola, junto de Beijing para que o Governo chinês coloque Angola entre os países com maiores dificuldades de cumprimento dos seus compromissos.

**ricas, face a troca comercial secular, actualmente existem investigações de processos de crimes económicos a serem movidos contra angolanos em Portugal, acha que isto tem sido uma das causas do abrandamento das relações?**

Já foi, principalmente e como já tinha referido anteriormente com o caso “Operação Fizz” em que, directa ou indirectamente, correcta ou incorrectamente, estava implicado o antigo vice-presidente Manuel Vicente, e que foi reconhecido por “um caso irritante” entre os 2 países. Com o envio do processo para Luanda, o tal “problema irritante” deixou de existir. Como se deve recordar, um dos primeiros impactos foi a triunfal visita do Presidente João Lourenço a Portugal, em Novembro de 2018.

Os processos actuais parecem ser mais vantajosos para Angola que eventualmente, um problema para as relações entre os 2 países. Os processos, diria, têm o beneplácito de Luanda por causa da possibilidade de retorno de capitais a Angola.

**É notório num simples olhar, que Portugal deixou de ser um parceiro privilegiado e estratégico de Angola nas trocas comerciais, na qualidade de investigador de relações internacionais, consegue indicar-nos as possíveis causas?**

Portugal poderá ter perdido algum protagonismo, o que é natural. Mas, se reparar na mútua posição comercial, verificará que essa estratégia que tinha sido colocada em causa, como nos recordamos do discurso da tomada de posse do presidente João Lourenço, foi, de certa forma, “reactivada” com o fim do “problema irritante”; creio até que Angola passou a ser o maior fornecedor de crude a Portugal. Mas se isso viesse acontecer não seria de estranhar. Um país não pode estar unicamente dependente de um ou um grupo de países. Tal como deve diversificar as

suas fontes de riqueza, também deve diversificar as suas relações comerciais. Por vezes, estas são o prenúncio de boas relações diplomáticas.

**Sobre o processo contra a empresária Angolana Isabel dos Santos, que culminou com a nacionalização da EFACEC, acha que o Governo Português não poderia encontrar um mecanismo de passar esta empresa para a esfera jurídica do Governo Angolano?**

É uma questão jurídica que teria de ser dirimida pelas autoridades competentes. Todavia, a nacionalização – não sei se poderemos afirmar que houve uma nacionalização do capital da empresária Isabel dos Santos, na EFACEC *Power Solutions*, ou uma intervenção judicial para protecção dos interesses da empresa e dos funcionários – ocorreu devido ao facto das contas de empresária estavam, e parecem estar, sob cativação das autoridades angolanas, no âmbito do processo Luanda *Leaks*. Este facto impediu que a empresária pudesse cumprir com os seus compromissos quer junto dos funcionários, quer com os credores. Como a empresa poderia entrar em default o Governo português, porque a empresa é de direito português, e considerada estratégica, decidiu intervir no processo, tomando conta da mesma sendo que está definido que essa intervenção deverá ser de curto prazo e, caso as autoridades considerem a empresária ou seus representantes – ter em conta os interesses jurídicos Angolanos que impedem sobre ela – dever ser ressarcida isso terá de acontecer.

Sei que nas páginas sociais havia quem defendesse uma intervenção “mais musculada” do nosso Governo junto do seu similar português, tal como foi com o caso que envolveu o antigo vice-presidente Manuel Vicente. Só que o presidente João Lourenço afirmou que este processo estava a ser acompanhado por ambos departamentos jurídicos

nacionais. Ou seja, o Estado português e o seu Governo estão salvaguardados no que tange a este processo.

**Como especialista de investigação de relações internacionais, acredita numa possível recuperação plena das relações entre Angola e Portugal? Qual seria na sua opinião a sugestão para o início desta recuperação?**

Tal como já afirmei, anteriormente, as relações entre Portugal e Angola, ou entre Angola e Portugal, estão – honestamente, alguma vez, não o estiveram? – normalizadas. Se não estão em pleno, e falta saber o que ou como poderemos considerar o “pleno” são relações quase, ou mesmo, completas. Não esquecer que mesmo no período mais crítico, a nível governativo, as relações foram normais ou, diria, completas. As transacções comerciais, financeiras e pessoais nunca esmoreceram. Vários portugueses demandaram o “novo el Dourado” Angolano, e de Angola, como se sabe, muito dinheiro saiu para os cofres bancários e imobiliárias portuguesas.

**Diante de tudo que se abordou, qual o futuro da relação bilateral entre Angola e Portugal?**

Ainda na sequência da sua questão anterior, se há alguma coisa a recuperar, será as economias dos 2 países, em particular a Angolana, para fazer face aos diferentes compromissos que temos pela frente devido aos problemas económicos e financeiras causados pela pandemia do Covid-19 e da baixa substancial do preço do crude que está reflectido no abaixamento do rating-país Angola, pela Fitch e pela Moody’s – ainda que estas acreditem na nossa recuperação – mas que vai ser condicionada pela moratória que os grandes credores internacionais estão a levar a efeito sobre os países africanos e que não deverá ser superior a 1 ano. Uma moratória assim, não ajuda à recupera-

ção de qualquer País. Ora, Portugal e outros Estados europeus têm moratórias muito superiores e dívidas menores. Como já referi antes há um acordo de Parceria Regional entre a UE e a SADC (Acordo UE/SADC) em que Portugal, como Estado-membro da União Europeia, pode ajudar Angola no sentido da Comissão Europeia intervir junto dos restantes membros do G7+1 e dos principais organismos financeiros para alargar esses prazos de moratória. Não esquecer que cerca de metade do nosso OGE é para pagar o serviço de dívida, ou seja, os juros, e destes a maioria são com a China que, segundo deu entender o Ministro dos

Negócios Estrangeiros chinês, Zhao Lijian, já decidiu considerar, não só uma moratória da dívida externa com alguns Estados africanos, como um eventual perdão daqueles que apresentarem mais dificuldades nos pagamentos.

Ainda que possa parecer inverosímil, Portugal, dada as boas relações que mantém com a República Popular da China, seja a nível Governativo, seja, e principalmente, a nível financeiro, aliado à defesa que a China faz das relações Lusófonas, poderá dar uma ajuda a Angola, junto de Beijing para que o Governo chinês coloque

Angola entre os países com maiores dificuldades de cumprimento dos seus compromissos.

Possível utopia, mas não impossível. E como ressaltou, recentemente, o nosso embaixador, em Portugal, Embaixador Carlos Alberto Saraiva, Portugal tem muito *know-how* que nos pode facultar e muitos especialistas que podem ajudar-nos a alavancar a nossa economia. **B**

---

Dr. EUGÉNIO ALMEIDA escreve para diversas revistas científicas internacionais, tem mais de 8 artigos científicos publicados, obras científicas e ensaios não científico, para ter acesso as suas obras os prezados leitores podem visitar o sitio abaixo:

(<https://elcalmeida.net> e [eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt](mailto:eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt)),

---



## EUGÉNIO (Luís da) COSTA ALMEIDA

É Investigador para e no Pós-Doutoramento, sob acolhimento da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, Luanda (2015- ) (fase final da elaboração de Relatório Final;

Licenciado em Relações Internacionais (em 1991, pela Universidade Lusíada de Lisboa);

Mestre em Relações Internacionais (2001) (ambos pelo ISCSP-Universidade de Lisboa);

Doutorado em Ciências Sociais, na especialidade de Relações Internacionais (2010);

Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais do (CEI-IUL) do ISCTE-IUL, Lisboa; e Investigador Associado no CINAMIL (Centro de I&D da Academia Militar portuguesa, Lisboa);

Editor do Academic Journals e integrante no SAJE – Society of African Journal Editors e reviewer de textos científicos

Participação em Debates, Seminários e Conferências (como palestrante, organizador e moderador);

Blogger, analista político com artigos em diferentes jornais angolanos (actualmente, colabora com artigos de opinião mensal, com o semanário Novo Jornal e site Vivências Press News), africanos e portugueses, principalmente; Análises e entrevistas periódicas para a Rádio Deutsche Welle, RFI (português) e VOA (em português) e para a RTP-África, em particular, no programa “Causa e Efeito”. Participação em actividades sociais; foi Vogal de Direcção (Director para os assuntos culturais) da Casa de Angola de Lisboa, até meados de 2010. De realçar que também é investigador convidado do Kwenda Institute.

SITE

(<https://elcalmeida.net> e [eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt](mailto:eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt))

## Principais Obras literárias publicadas

• 2019: Mazuí: poesias, contos e outras palavras; edição conjunta Perfil Criativo Edições (Lisboa) e Alende Edições (Luanda), Novembro de 2019; ISBN: 978-989-54517-9-1

Ensaaios

• 2018: África Colonial no Centenário da Guerra de 1914-1918: Angola e Moçambique, os casos em análise; Nova Editora Acadêmica, Beau Bassin (Mauritius), Maio 2018; ISBN: 978-620-2-18177-8;

• 2015: Of the “Instrumentality Power” to the “Mahjong Theory”: Theorems and other writings: from blog “Pululu” to the media, Words (not) Loose Compilations); Lambert Academic Publishing, Saarbrücken, Germany; August 2015; ISBN: 978-3-659-76594-0;

• 2011: Angola – Potência Regional em Emergência, Prefácio de Mário Pinto de Andrade, Edições Colibri, Lisboa, Outubro 2011 (PhD final thesis); ISBN: 978-989-689-131-2;

• 2004: África – Trajectos Políticos, Religiosos e Culturais, Prefácio do António de Sousa Lara, editora Autonomia 27, Azeitão, Dezembro 2004 (republicado em 2006); ISBN: 972-98918-9-3;

• 2003: Fundamentalismo Islâmico: A Ideologia e o Estado, Prefácio de José Adelino Maltez, editora Autonomia 27, Azeitão, Dezembro 2003; ISBN:972-98918-5-0;

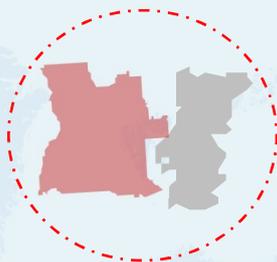
## HISTÓRICO DAS RELAÇÕES



JOÃO MANUEL GONÇALVES LOURENÇO  
ACTUAL PRESIDENTE DE ANGOLA



MANUEL REBELO DE SOUSA  
ACTUAL PRESIDENTE DE PORTUGAL



1976

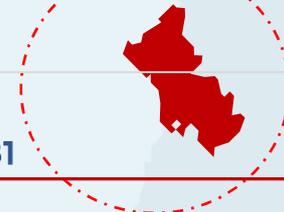
- Em Janeiro de 1976 - Portugal abre Consulado Geral em Luanda.

1977

- Março de 1977 - Embaixador português, João Sá Coutinho, apresenta as credenciais ao Presidente de Angola, António Agostinho Neto

1978

- Junho 1978 - Abertura da embaixada de Angola em Lisboa, nomeado o embaixador Adriano Sebastião.



1979

- Em 1979 foram assinados acordos comercial (Janeiro) e sobre o sector eléctrico (Fevereiro).

1979

- Janeiro 1979 - É assinado, em Luanda, o Acordo Comercial, válido até 1988. Este documento e um outro, no domínio financeiro, viriam a incentivar as importações de Angola de produtos portugueses.

1981

- 1981 - As vendas portuguesas para Angola ultrapassam os 13 milhões de contos (65 milhões de euros).

1982-1986

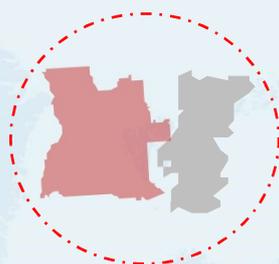
- 1982 a 1986 - Cooperação entre Angola e Portugal atinge níveis recordes. Comércio global ultrapassa os 114 milhões de contos (570 milhões de euros). Angola compra a Portugal mercadorias no valor de 400 milhões de euros e vende 165 milhões de euros, o que representou um saldo favorável a Portugal

1985

- 1985 - Angola é o 10º cliente de Portugal, a nível mundial, e primeiro dos PALOP e da África Subsaariana.

1986-1987

- 1986/1987 - Descida vertiginosa dos fornecimentos de Portugal a Angola devido às medidas restritivas do Governo angolano, face à queda do preço do petróleo.



1987

- Maio 1987 – Assinado o acordo do petróleo que prevê o fornecimento, por parte de Angola, de 25 mil barris diários a Portugal.

1987

- José Eduardo dos Santos visita Portugal, pela primeira vez. A visita é antecedida pela III reunião da Comissão Mista. É assinado um Protocolo Adicional ao Acordo de Cooperação Económica.

1991

- III Encontro Empresarial luso-angolano, com o objectivo de traçar as perspectivas do investimento directo português no mercado angolano e remover obstáculos que condicionam a iniciativa empresarial.

1992

- Reacende-se a guerra em Angola. Angola suspende o pagamento a dívida a Portugal.

1995

- I Mesa Redonda sobre Angola, em Bruxelas. O Governo recebe promessas de ajuda de mil milhões de dólares para o Programa de Reabilitação Comunitária e Reconciliação Nacional e a ajuda humanitária. Portugal participa com uma ajuda significativa

1996

- Vª Reunião da Comissão Mista Permanente de Cooperação Portugal-Angola. É assinado um Acordo de Cooperação Financeira, de promoção do investimento de conversão da dívida angolana e de adequação dos instrumentos financeiros

1997

- Assinado um memorando de entendimento para converter uma parte da dívida em capital nas empresas angolanas reprivatizadas (nunca chegou a acontecer).

2000

- Acordo entre Angola e Portugal no quadro do Programa Indicativo de Cooperação, que prevê uma dotação de 75 milhões de euros para Angola.

2010

- A Feira Internacional de Luanda (FILDA) recebe as visitas do presidente e do primeiro-ministro portugueses. Cavaco Silva e José Sócrates assinam acordos de cooperação. Participam 107 empresas portuguesas, 33% das presenças na FILDA.